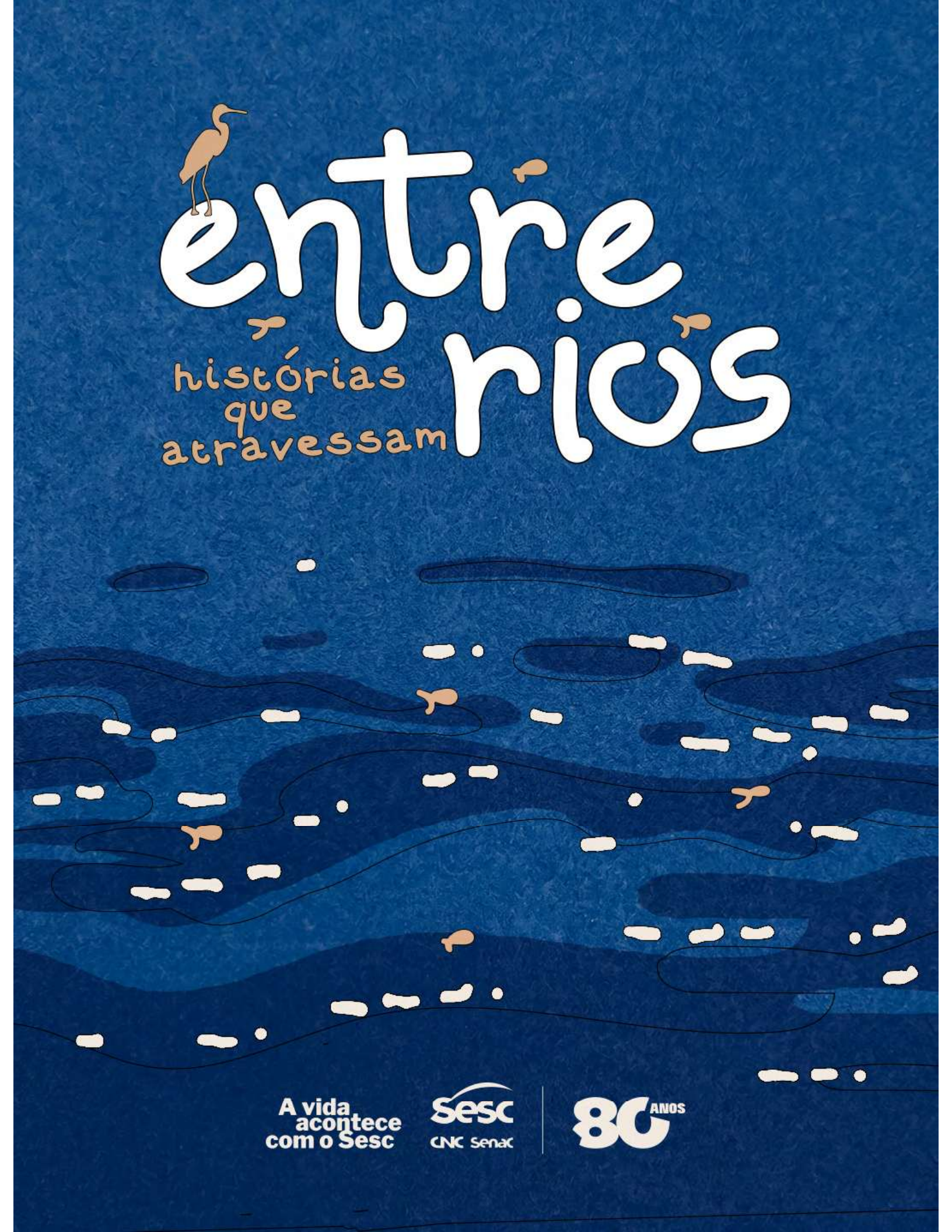




entre histórias que atravessam rios

A vida
acontece
com o Sesc

Sesc
CNC Senac

80 ANOS

entre
histórias
que
atravessam rios

Rio de Janeiro
Sesc | Serviço Social do Comércio
Departamento Nacional
2026

Sesc | Serviço Social do Comércio

Presidência do Sistema CNC-Sesc-Senac

José Roberto Tadros

DEPARTAMENTO NACIONAL

Direção-Geral

José Carlos Cirilo

Diretoria de Saúde, Cultura, Lazer e Assistência

Diana dos Santos Abreu (interina)

Diretoria de Educação, Pesquisa e Dados

Érlei José de Araujo (interino)

Diretoria de Operações Compartilhadas

Alan Carlo Lopes Valentim (interino)

Diretoria do Polo Educacional Sesc

Carlos Alberto Tadeu Zanetti

Coordenação de conteúdo

Polo Educacional Sesc

Polo Socioambiental Sesc Pantanal

Coordenação editorial

Assessoria de Comunicação

Considerando o gênero textual da publicação,
procuramos preservar o estilo de escrita
de nossos estudantes, respeitando a subjetividade
expressa pela linguagem informal.

© Sesc Departamento Nacional, 2026

Telefone: (21) 2136-5555

sesc.com.br

Distribuição gratuita, venda proibida.

Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei nº 9.610 de 9/2/1998.

Apresentação



Educar é criar oportunidades para que diferentes experiências se encontrem. É reconhecer que o conhecimento se constrói na sala de aula, mas também nas culturas e nas histórias de cada estudante.

É essa compreensão que orienta a Rede Sesc de Educação. Presente em todo o país, ela compartilha princípios, propósitos e o compromisso com uma formação integral, ao mesmo tempo em que valoriza as singularidades de cada localidade. A Rede nasce justamente da diversidade de seus contextos e da capacidade de transformar diferenças em aprendizado.

Este livro traduz essa vocação. Ao aproximar estudantes da Escola Sesc de Ensino Médio, do Polo Educacional Sesc, no Rio de Janeiro, e do Complexo Educacional Sesc Pantanal, do Polo Socioambiental Sesc Pantanal, em Mato Grosso, o projeto demonstra que a distância geográfica não limita o diálogo e pode ampliar perspectivas.

Concebida a partir de dois Polos de Referência do Departamento Nacional do Sesc, a iniciativa evidencia como esses espaços impulsionam experiências que fortalecem toda a Rede Sesc de Educação. É

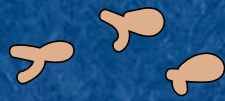
também uma expressão da própria Rede: uma rede nacional que compartilha princípios, valoriza as singularidades de cada território e transforma essa pluralidade em aprendizagem.

Que estas páginas inspirem novos encontros. Porque, quando estudantes de diferentes partes do Brasil compartilham suas histórias, todo o país aprende com elas.

José Carlos Cirilo

*Diretor-Geral do
Departamento Nacional do Sesc*

Introdução



Entre rios nasce com o objetivo de aproximar estudantes de etapas de ensino diferentes — o Ensino Médio do Polo Educacional Sesc, no Rio de Janeiro, e os anos finais do Ensino Fundamental do Polo Socioambiental, em Poconé. Como um processo de leitura e escrita, o projeto ultrapassou o ambiente convencional da sala de aula ao promover a interlocução entre jovens de origens e idades diferentes, que juntos perceberam que é possível atravessar distâncias, compartilhar vivências e ampliar suas experiências por meio da literatura.

No Polo Educacional Sesc, a partir da leitura de autores que nos ensinam a ler o mundo — Manoel de Barros e Ailton Krenak —, os estudantes notaram o rio e perceberam que a passarela que liga seus bairros à escola, atravessada com pressa todos os dias, ata as margens de um rito de transformação do cotidiano: eles deixam para trás a margem das “palavras fatigantes” e se entregam à abundância das “coisas desimportantes”: o céu, as árvores, as borboletas e as pedras portuguesas.

Tudo o que somos é natureza. Ao destacarmos esse pensamento, estabelecemos uma dupla via de sensibilização: a primeira ao alcançar uma relação afetiva com a natureza que cerca a escola; a segunda ao provocarmos a leitura crítica do mundo fora dela. Os estudantes, ao sentirem a falta de arborização em seus territórios, ao perceberem a ausência de vida nos rios, ao notarem o descarte inadequado do lixo, desenvolvem o pensamento crítico, associam-no à escrita sensível e criativa e descobrem suas próprias vozes.

É na escola que começa a reescrita do mundo. Os estudantes, reconhecendo-se como sujeitos do discurso e disseminadores da palavra, identificam-se como agentes de transformação. Em cada carta plantada pelos alunos, é possível perceber a ampliação do repertório sociocultural desses jovens e a influência que cada ambiente retratado exerce na construção de sua subjetividade, independentemente de onde estejam.

Com isso, a escrita das cartas fluiu como as águas do rio. E os rios são seres que se conectam de maneira muito mais profunda e não respeitam as fronteiras que nós inventamos. Desse modo, as palavras escritas, ora flutuantes, ora de barriga no chão, romperam as linhas canalizadas dos cadernos e subiram ao céu para chover em outro canto, em outra cidade, em outro rio.

Assim, o projeto Entre rios: histórias que atravessam promoveu o encontro entre diferentes saberes, territórios e faixas etárias, fortalecendo a educação, a cultura e a integração nacional em torno da escrita como ferramenta de expressão. Além disso, possibilitou a criação de vínculos afetivos e pedagógicos entre os polos e reafirmou o papel da escola como produtora de cultura. A literatura, portanto, é horizonte e caminho. É ferramenta de descobrimento de insignificâncias, é a renovação pela borboleta, é o comprometimento com as aves, é o delírio do verbo. A literatura é a flauta que inverte os ocasos.

*Brenda Agrassar,
Diogo Franca,
e Iolanda Lomeu*

*Professores de Língua Portuguesa do
Polo Educacional Sesc, no Rio de Janeiro*

Quando iniciamos o projeto Entre rios no Polo Socioambiental Sesc, tínhamos um objetivo pedagógico claro, que era incentivar a literatura por meio da prática viva da escrita e da leitura. No entanto, o que vimos florescer nas páginas que compõem este livro foi muito além das habilidades linguísticas — testemunhamos a construção de pontes invisíveis entre as águas do Rio de Janeiro e as terras do Pantanal. Escrever é um ato de coragem.

Nesta troca de cartas entre os estudantes de Poconé e do Rio de Janeiro, o exercício literário revelou elementos e vivências que, à primeira vista, pareciam distantes. Contudo, ao mergulharmos nos relatos, percebemos que mesmo o que está geograficamente longe faz-se presente no cotidiano. Ao significarmos o nosso lugar, passamos a entender melhor como parte de um país diverso, de um continente vibrante e de um mundo que clama por conexão.

A biodiversidade do Pantanal e sua relevância vital na regulação climática — tema tão urgente em nossos tempos — encontrou eco nas palavras dos estudantes. Entre as linhas, o conceito de bem viver de

Ailton Krenak conquistou seu espaço, lembrando que a vida em plenitude exige harmonia com o organismo Terra e com aqueles que caminham ao nosso lado.

Em um mundo cada vez mais mediado pelo digital, exaltamos a valorização da troca analógica. O tempo da escrita à mão, a espera pela resposta e o cuidado com o destinatário são incentivos a uma das maiores habilidades do ser humano, que é a socialização. Conhecer o outro por meio da carta é reconhecer a nós mesmos em uma nova perspectiva.

Nosso anseio é que estas cartas sejam registros de sementes para uma consciência coletiva que valoriza a cultura, a natureza e, acima de tudo, o encontro humano.

Alexandre Ramos

Chefe interino do setor escolar

Pérsia Bastos

Coordenadora pedagógica

Emanuelle Ribeiro

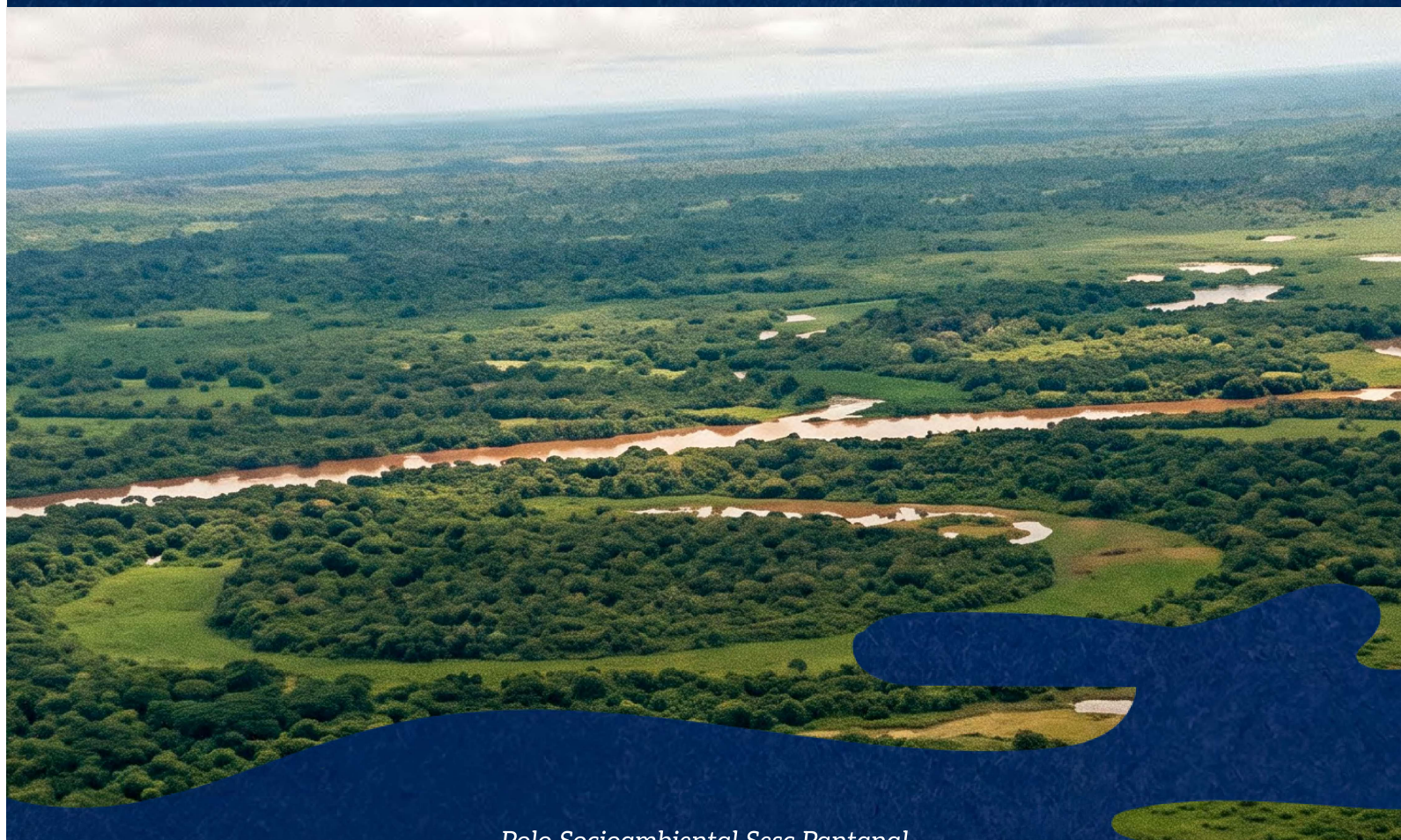
Professora de Língua Portuguesa

Flávio Assumpção

Professor de Geografia do
Polo Socioambiental Sesc Pantanal



Complexo Educacional Sesc Pantanal



Polo Socioambiental Sesc Pantanal



*Estudante manuseando a rede de zooplâncton
Tanque do Jurumirim, Pantanal (MT)*



*Estudantes observando no microscópio os
zooplânctons coletados*

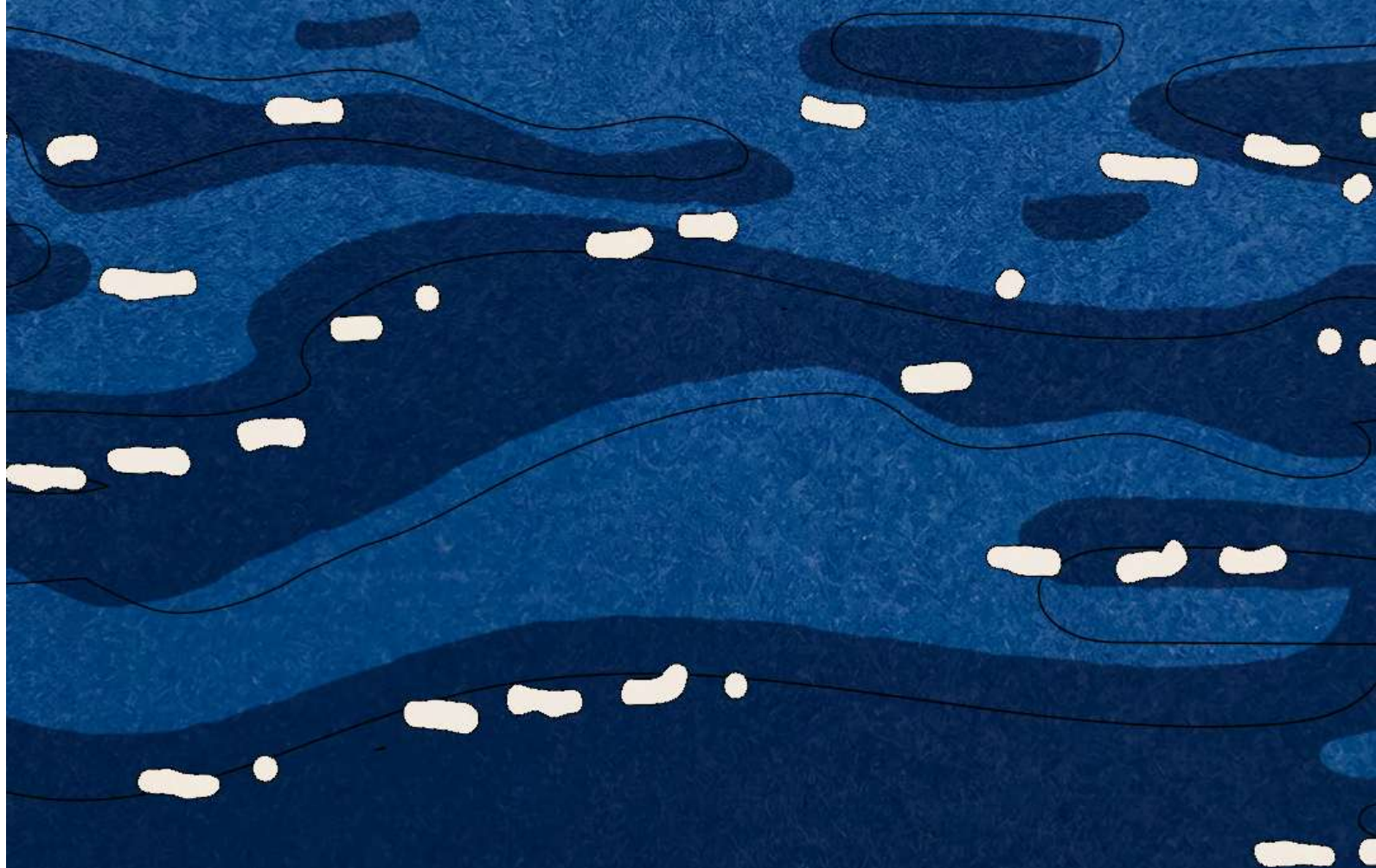


*Estudantes durante o processo
de produção das cartas*



Polo Educacional Sesc

Encontro entre rios, saberes e territórios



Caio Gonçalves
de Andrade



Rio de Janeiro,
14 de março de 2026

Querido(a) colega de correspondência,

Me chamo Caio, tenho dezesseis anos, estudo na Escola Sesc de Ensino Médio e, nesse momento, estou iniciando a segunda série. Fiquei muito feliz e grato por estar escrevendo esta carta e por participar deste lindo projeto. Nela, gostaria de apresentar a você minha dupla realidade na cidade grande, vivendo em locais megaurbanizados e estudando no Polo Educacional Sesc, um campus cercado por natureza.

Moro na Gardênia Azul, uma comunidade suja, mal organizada e nem um pouco segura, próxima à escola. Minha residência fica localizada em uma vila de casas, essa sim um pouco mais interessante, com muitas plantas, árvores frutíferas e com alguns passarinhos voando pelo céu e desviando dos grandes acumulados de fios que contribuem para a poluição visual do ambiente. Além disso, tem uma família de gambás que se adaptou ao meio urbano e passou a se alimentar do nosso lixo doméstico.

Da minha casa, posso avistar algumas montanhas, uma bela paisagem natural que eu gosto demais. No entanto, mesmo com esse “lado positivo”

que descrevi, alguns aspectos, como o lixo mal descartado, o esgoto exposto, os buracos nas ruas e a fumaça, a qual normalmente é proveniente da queima do lixo, fazem um ambiente promissor se tornar desagradável, o que é no mínimo revoltante.

Ao me deslocar para a escola todos os dias, me sinto como uma lagarta cansada em uma grande metamorfose. Saindo de casa, rastejo pelas ruas da minha comunidade, cuja natureza tenta prosperar em meio a tanta poluição. Isso é perceptível pelo que avisto durante minha jornada: a grama que continua crescendo mesmo ao lado de um grande valão e das lindas árvores que crescem através de pequenos pedaços de terra entre o cimento das calçadas.

Após um tempo, cruzo meu caminho com uma grande estrutura amarela, não necessariamente um lugar, mas um ponto importante de transição, onde todas as lagartas deveriam fazer seu belo casulo, onde eu faço o meu casulo todos os dias na espera de algo melhor. Dentro de meu envoltório, ouço sons, coisas passando abaixo de mim. Junto disso, sinto o vento forte que balança minha pupa. Com movimentos quase automáticos e pouco racionais, meu casulo vai se movendo ao longo da estrutura até uma certa parte em que eu posso sentir um estranho balanço que é gerado para manter a estrutura de pé e, após isso, já estou rompendo minha pupa.

Saindo de meu casulo, me vejo em um ambiente novo, onde ainda posso ver lixo em meu caminho, mas já me sinto feliz, pois já estou próximo a meu destino. Agora, com minhas asas, voou ansiosamente para chegar à escola. O que para você deve ser estranho, porque o comum é nos sentirmos ansiosos para ir embora, né? Mas quando começo a ver a escola, mesmo de longe, me sinto como um nômade em meio ao deserto: de frente para um oásis. Um lugar tão natural e seguro em meio a tanta sujeira e violência.

Quando entro no colégio, já me deparo com um enorme lago e, bem próximo a ele, nosso prédio. Apenas nesse simples olhar, já posso observar a diferença de energia que o polo emite, os peixes nadando no laguinho, as garças (todas chamadas de Robson) se alimentando e os quero-queros, que correm atrás da gente, pegando um sol muito agradável nas verdes gramas próximas ao espelho d'água.

Voando pela vasta paisagem, percorrendo as alas coloridas e pousando sobre as pedras portuguesas que compõem o nosso chão, chego à sala de aula para iniciar mais um dia letivo. Embora muitas vezes cansativo, o período escolar se torna mais leve graças à natureza presente em nosso convívio. Diversas espécies da Mata Atlântica transformam o ambiente da escola em um verdadeiro ecossistema. Como afirma o escritor Manoel de Barros, “A gente

descobre que o tamanho das coisas há de ser medido pela intimidade que temos com elas”. Nesse convívio íntimo com a natureza do polo, percebo que cada pequena parte tem sua importância e que deveríamos prestar mais atenção às coisas simples que passam despercebidas no nosso dia a dia.

No fim do dia, com um melancólico voo até o portão, me despeço da escola, iniciando minha jornada de volta para casa. A borboleta vai aos poucos voltando a ser apenas uma lagarta em meio a toda a poluição da cidade grande. Entristecida, a lagarta rasteja por sua comunidade, acostumada a viver como uma livre borboleta, começa sua ansiosa espera pelo amanhã e sua próxima transformação neste longo ciclo entre suas duas realidades.

Foi um prazer compartilhar um pouco da minha realidade com você. Espero que logo mais eu possa conhecer a sua.

Com carinho,

Caio Gonçalves de Andrade

Ana Luiza Souza
de Oliveira



Poconé,
7 de abril de 2026

Querido(a) correspondente,

Me chamo Ana Luiza e sou estudante do 9º ano. Estudo na Escola Sesc Pantanal e estou muito feliz em poder te escrever esta carta. Gostaria de compartilhar com você um pouco de como é morar em Poconé (MT). É uma cidade bem bonita e cheia de cultura, mas como nem tudo é perfeito, Poconé tem alguns defeitos.

Quando saio de casa para ir à escola, eu sempre passo pelo Açude Público Dr. João Ponce, conhecido como Tanque da Rua. É um lugar poluído porque fica dentro da cidade, então o lixo da rua ali perto cai nele. Lá também tem muitas plantas aquáticas, são tantas que nem conseguimos ver a água.

O Complexo Educacional Sesc Pantanal é um espaço muito bonito, com natureza e animais. O que mais me chama a atenção são as nossas salas em formato de ocas indígenas. Particularmente, gosto muito de estar na escola, porque me sinto livre para ser quem sou.

Temos dois mascotes, são cachorros de rua, que sempre entram na escola e passam tempo com os

estudantes. Eles têm vários nomes, pois todo mundo dá um nome diferente. Mas eu chamo de Thor e Neguinha do Torá.

Temos muitas árvores frutíferas, como pé de ata, romã, acerola, goiaba e jabuticaba. Quando tem acerola, quase sempre pego as frutas no intervalo.

Participo de um clube na escola, o Clube de Ciências e Astronomia. Lá, temos estudantes do 6º ano ao 9º ano, mas nem todos da turma participam. Para ingressar, é preciso passar por uma seleção.

A cada dois meses, nós, componentes do clube, vamos ao Tanque do Jurumirim para coletar zooplâncton com a Thaís, uma bióloga de Cuiabá, que vem até Poconé para fazermos a pesquisa. O zooplâncton são pequenos, praticamente invisíveis a olho nu. Eles vivem em rios, lagos, lagoas e até em poços.

Acho que é isso. Espero que você tenha entendido pelo menos um pouco de como é Poconé e a escola.

Com carinho,

Ana Luiza Souza de Oliveira

Beatriz Figueiredo
dos Santos



**Rio de Janeiro,
10 de março de 2026**

Caro leitor,

Escrevo esta carta durante meu horário da manhã, horário em que meus pensamentos ainda estão transicionando para a realidade do Polo Educacional Sesc. Começo o dia com gatilhos específicos. O primeiro é descer da van e automaticamente escanear o novo ambiente que meus pés pisam. Caminhos de pedras portuguesas agora cumprimentam meus pés, que relembram do relevo familiar apesar de não o terem pisado durante o fim de semana. No meu bairro, as calçadas são lisas, às vezes com alguns buracos e resíduos, mas predominantemente lisas. Meu segundo gatilho é desconectar os fones colocados antes de a viagem para a escola começar. Retiro, com calma, os artistas que gritavam para que eu não ouvisse as conversas entre os carros, e me liberto para ouvir novamente as vozes reais que me cercam. Por fim, passo meu crachá e ultrapasso a catraca, deixando os medos e as ansiedades do mundo externo para trás.

Quando penso em contar sobre minha experiência dentro do Sesc, não posso deixar de lembrar da

minha primeira semana aqui. Era um local totalmente novo, o que afluava minhas percepções. Era como se minha alma estivesse sendo costurada. Observava, sempre que possível, o lago, nem sempre tão limpo, mas que embelezava (e ainda embeleza) nosso cenário. Também aproveitava para sentir o grama-do do campo, que me puxa até hoje para me jogar e me esconder da realidade. Às vezes, durante aulas e palestras, a escola de vocês é citada, e minha cabeça sempre é invadida pela mesma pergunta: Quais sentimentos, rotinas e percepções vocês têm em relação ao colégio em que estudam? Recentemente, soube pelo nosso diretor, o Zanetti, que para visitar Poconé ele faz um longo percurso, muito mais longo e diverso do que eu esperava, e foi nesse momento que as perguntas e as curiosidades me bombardearam de vez.

Para sanar parte de minhas dúvidas, pesquisei sobre a escola, procurei fotos e li o que eu encontrei, com fome por informações novas. Sendo sincera, não conhecia Poconé, mas acredito que seria importante pesquisar antes de começar a carta. Eu me surpreendi com as imagens que, à primeira vista, já me encantaram. É provável que grande parte da surpresa se deva ao fato de eu ter morado a vida inteira em ambientes extremamente urbanizados, o que justificaria também como me sinto em relação à escola. É como se eu tivesse uma liberdade maior para

respirar, como se o ar fosse mais puro e, ao mesmo tempo, contrário a todo o ar que me cercou a vida inteira. Eu enxerguei Poconé como um lugar tomado pela natureza para ser seu esconderijo, como se ela soubesse que vocês vão cuidar dela melhor que nós.

Observar meu bairro e o que o cerca me faz sentir falta do Sesc. Falta da grama, do lago, dos animais e de respirar as árvores. Não me leve a mal, Vicente de Carvalho (o bairro onde eu moro) não é tão ruim, mas é cinza. De acordo com a teoria das cores, cinza remete à ausência de emoções. Aqui temos shoppings, loja de tudo que você imaginar, farmácias, padarias, mas parece que falta algo, porque sair de casa parece sempre igual. É como se todo o cimento e os tijolos usados fossem superficiais e rasos comparados às diversidades da natureza. Eu me lembro de, na época de pandemia, me acalmar quando ficava deitada ao lado da janela, por causa do sol e do céu. Eles me atingiam e restauravam parte da falta que eu sentia de sair de casa. Isso tudo me lembra ao Polo Educacional Sesc e como é esse tal lugar novo que eu tentava buscar em 2020 banhando-me no sol. O céu de hoje nunca foi o mesmo e jamais será o de amanhã, as nuvens também. É impossível se entediar com a natureza.

No último intervalo do dia, me organizo para voltar ao mundo real e cinzento, Vicente de Carvalho. Como já disse, eu não desgosto totalmente de onde

moro, mas gostaria de morar mais perto da escola, para matar a saudade da natureza viva e imprevisível durante os fins de semana. Por reconhecer a saudade que vai encher meu coração durante esse período, guardo e levo comigo as memórias. Meus olhos piscam em ritmo de música de despedida, aproveitando os últimos momentos. É nesse momento que eu me pergunto: como é seu trajeto para casa? O que você sente no caminho? Acho que as dúvidas estão me bombardeando novamente...

Espero empolgada sua resposta!

*Beatriz (ou Bia)
Figueiredo dos Santos*

Sophia Figueira
Toledo



Poconé,
7 de abril de 2026

Prezado estudante,

Escrevo esta carta para falar sobre a minha visão do Complexo do Sesc Pantanal e a minha convivência com os rios de Poconé.

Acho a escola bem diferente em questões de estrutura e design. O formato das salas de aula (a parte do Ensino Fundamental II) lembra ocas, que foram feitas para se relacionarem com a cultura e a origem da cidade. Gosto da forma de ensino e, principalmente, do envolvimento que nós, estudantes, temos com atividades extracurriculares, como os clubes, projetos e as olimpíadas.

Participo de dois clubes da escola, com mais três colegas de sala, e desde o ano passado, aprendi novas coisas e passei a ter interesse em assuntos que eu não tinha antes. Sobre as olimpíadas (minha parte favorita), temos a OBMEP, da qual sempre participamos (a partir de 2019, se não me engano), a OBA, que tem astronomia e me interessa, a OLITEF, que existe desde 2024, e algumas outras.

Considero todas essas provas grandes oportunidades para adquirir conhecimento e incentivar o es-

tudo. Temos muitos medalhistas nessas olimpíadas, e, ano passado, alguns estudantes foram para a jornada de foguetes no Rio de Janeiro, e eles são ótimos exemplos para explicar por que acho que essas atividades podem incentivar os alunos.

Quase sempre passo de carro pelo Tanque da Rua, já que fica na cidade, e já vi vários sapos, capivaras, passarinhos e, se não me engano, até jacaré. Por tudo isso, o Tanque da Rua é importante por fazer parte da história de Poconé.

Fui no Tanque do Jurumirim duas vezes, e as duas foram pela escola. Fica fora da cidade, mesmo que perto, e o Clube Pantaneiro de Ciências e Astronomia teve uma atividade com uma bióloga da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e fomos fazer uma pesquisa, além de coletar zooplânctons, com o objetivo de observá-los no microscópio. Eu não conhecia esses bichinhos e muito menos o Tanque do Jurumirim, então essa atividade foi boa para conhecer.

Passei no rio Bento Gomes pelo menos uma vez, mas nunca parei para ver, tirar foto ou algo assim. Nunca pesquei (nem em nenhum rio daqui), e ouvi dizer que tinha onça por perto também. Imagino como as pessoas se sentem quando veem uma delas não tão longe de onde estão.

Também conheço o rio Cuiabá. Já passei várias vezes por ele, e sei que é um afluente do rio Paraguai.

Ele é muito importante para Mato Grosso, pois abastece grande parte da população, é responsável por 80% da produção da pesca e é fundamental na formação da Bacia do Alto Paraguai.

Então, é assim que eu penso e é disso que eu sei.
Atenciosamente,

Sophia Figueira Toledo

Yasmin Valadão
Vianha Bezerra



**Rio de Janeiro,
19 de março de 2026**

Queridos estudantes do Sesc Pantanal,

Descobri esses dias, através do noticiário, que o Rio de Janeiro é a segunda cidade mais verde do Brasil. Essa afirmação me levou ao seguinte questionamento: essa arborização fica em quais locais da Cidade Maravilhosa?

Moro em Madureira, facilmente um dos bairros mais conhecidos da zona norte do Rio, porém algo que me traz frustração é a falta de áreas verdes no meu dia a dia. No caminho para a escola, convivo com pessoas mecanizadas, frias, que, muitas vezes, nem bom dia dão, e vejo também muitas paisagens cinza, feitas de concreto, asfalto e barulho.

Em contrapartida, quando chego ao Polo Educacional Sesc, encontro um cenário diferente. As aulas parecem mais coloridas, os espaços são vivos, e até o chão feito de pedras portuguesas conta histórias através de seus desenhos. Ali, a paisagem muda e, por um instante, fico em paz para começar minha rotina de estudos — inspirada e com o coração aquecido.

Por isso, escrevo esta carta com a esperança de que a cidade que dizem ser tão verde possa, um dia,

mostrar essa natureza também em bairros mais vulneráveis, nos quais tantas pessoas vivem e constroem suas histórias. Acredito que cuidar do verde também é cuidar das pessoas, tornando o cotidiano mais humano, leve e acolhedor.

Tenho a esperança de que possamos enxergar e espalhar mais vida pelos caminhos da cidade. Quero que o Rio possa ser, de fato, um lugar onde o concreto e a natureza convivam em harmonia.

Espero que o meu lugar seja repleto de esperança de um mundo melhor, como disse Arlindo Cruz, e recheado de cores vibrantes, como as alas da escola. Espero que a natureza seja apreciada e valorizada com carinho e respeito. Aguardo suas respostas!

Até breve,

Gasmin Valadão Vianna Bezerra

Ana Tereza da
Costa



Poconé,
8 de abril de 2026

Querido(a) correspondente,

Oi, eu sou a Ana, tenho catorze anos e estou no 9º ano B, no meu último ano no Complexo Educacional Sesc Pantanal. Estou feliz por participar deste lindo projeto.

Minha escola fica localizada em Poconé, no interior de Mato Grosso, o portal do Pantanal. Aqui temos o Hotel Sesc Porto Cercado e a Baía das Pedras, que também fazem parte do Polo Socioambiental Sesc Pantanal.

Mas nem tudo são flores: aqui temos muita poluição e desmatamento. Um dos piores problemas é a queimada. Em 2020, tivemos uma queimada intensa, que matou muitos dos nossos animais e as nossas matas. Também temos a mineração, que explora muito o solo e o subsolo.

Na nossa cidade, não se tem muitas opções do que fazer, a não ser ir para a praça ou vir para o Sesc, que tem algumas opções de lazer, como cinema, piscina, parque, quadra, campo, oficinas, aulas etc.

Aqui temos bastantes turistas, porque as pessoas querem ver os animais, principalmente a onça-pintada, já que na cidade é difícil ver um animal de perto.

No Complexo Educacional Sesc Pantanal temos turmas do Ensino Infantil ao Fundamental II. As salas do Fundamental II têm formato de oca, e cada professor (por matéria) tem uma sala. O nosso pátio é um quintal, com árvores e plantas, e todo dia araras voam pela escola e ficam nas árvores comendo cumbaru. Temos também um mascote, o Thor, um cachorro que faz companhia aos estudantes.

Os professores ajudam com as olimpíadas, como OBMEP, OBA, ONC, OLITEF etc. E tínhamos a jornada de foguetes, onde nos preparávamos fazendo oficinas de foguetes com garrafa pet. Era feito uma seleção: as turmas do 8º e 9º (em 2024) se dividiram em equipes e prepararam os foguetes. Somente três equipes (nove pessoas) eram selecionadas para ir, e não basta só o foguete voar longe, as pessoas das equipes selecionadas devem ir bem e ficar entre os 50 melhores do OBA e na OBMEP, e não ter nenhuma ocorrência grave.

No ano de 2024, esse projeto envolveu as turmas de 8º e 9º ano. Em 2025, só os estudantes do 9º participaram, mas eu e mais duas estudantes fomos escolhidas para ir pelo Clube de Ciências Ambientais e Astronomia. Já este ano, não tem previsão de acontecer.

Os escolhidos vão para o Rio de Janeiro competir na OBAFOG, e é uma experiência única e maravilhosa.

Aqui não temos livros e somos avaliados por conceitos — regular, bom e ótimo —, e não por nota.

Bom, é isso que temos aqui em Poconé, gostei da experiência de escrever, e espero que gostem.

Com carinho,

Ana Tereza da Costa

Alice Dreyfuss
Mesquita



Em outro rio (de Janeiro), vários dias de março, 2026

Querida amiga,

Eu normalmente começaria me apresentando para você saber quem eu sou. Pelo menos meu nome. Mas, com esse pensamento, tive a realização de que eu ainda não sei quem você é, então resolvi manter essa igualdade e decidi então começar contando uma história de que em outro dia, no alto de um prédio, eu notei o rio pela primeira vez...

Essa história é interessante justamente por esse ser o rio que eu atravesso todos os dias. Obviamente, eu sabia de sua existência, rios não são discretos. Mas, acho que, no meu dia a dia, devo estar tão focada na minha pequena insignificância que nunca parei para perceber o rio. Agora que o notei, tenho que dizer, ele é lindo. Com certeza um pouco poluído como tudo aqui é, mas do alto do prédio, eu não sentia cheiro, e, honestamente, eu prefiro ter um rio com mau cheiro do que não ter um rio.

Você deve ter rios, e lagoas, e lagos, muito mais do que eu tenho aqui. Talvez a diferença possa ser que você os perceba. Ou não, ainda não sei quem você é. Acho que a parte mais importante para mim é que

acima desse rio tem uma passarela que conecta o mundo exterior a uma realidade alternativa onde eu e muitos alunos passamos nossos dias: o Polo Educacional Sesc, no Rio de Janeiro.

O rio é o primeiro vislumbre da natureza antes de entrarmos nesse mundo de fantasia: é parecido com o momento em que Alice cai na toca do coelho e volta depois pelo espelho. Uso essa referência para tentar falar que existem coisas que você não vê fora do Sesc e que te fazem querer voltar para lá. Algo além do cotidiano óbvio e da oportunidade única de se ver, algo além.

Em outros dois dias, por exemplo, pelos jardins perto do restaurante e da arquibancada, eu vi uma borboleta. Duas borboletas, na verdade, uma em cada dia, do tamanho da minha mão. O que foi maravilhoso para mim, já que não vejo borboletas, pelo menos não fora da escola. Você vê muitas borboletas? Deve ver, espero que veja, você deve ver muitas coisas que eu não vejo, coisas que eu nunca vou ver.

Sabe, de vez em quando, eu acho que a natureza realmente nos abandonou aqui no Rio de Janeiro. Gostaria de falar sobre como são as coisas por aí, mas eu não poderia ter a menor ideia, confio em você, quem quer que seja, você, amiga. Por favor, me conte, conte sobre a sua cidade, seus caminhos, suas borboletas, seu Sesc.

Às vezes, pode parecer que o mundo continua girando só para que nós, humanos, possamos viver, mas temos que nos lembrar que, se o mundo estava aqui antes, ele estará depois. Penso nisso enquanto vejo fotos da cidade que deve chamar de sua, Pocomé. É por isso o meu pedido anterior: que me conte sobre aí, porque em minha experiência escrevendo essa carta também reparei em impressões equivocadas de meus próprios arredores, é engraçado o que acontece quando se começa a prestar atenção.

No fim, eu agradeço a você, querida interlocutora. De alguma forma, você é o motivo de esta carta estar sendo escrita. Escrever esta carta tem sido uma oportunidade que me levou a pensar de uma outra maneira, pelo menos por esse tempo. Nunca olhei tanto para o mar, as plantas, os bichos, essas coisas pequenas de Manoel de Barros.

E por fim, fim mesmo — Gregório diz que brasileiros gostam de se despedir sem sair —, eu me apresento com minha assinatura. Só meu nome, pouca coisa — porém o suficiente —, mantenha em mente que ainda não sei nada sobre você. Pelo menos ainda não, mas não vejo a hora de saber.

Com carinho,

Alice Dreyfuss Mesquita

Lara Martins
Eubank de Campos



Poconé,
8 de abril de 2026

Querido(a) correspondente,

Prazer, me chamo Lara, tenho catorze anos, estudo no Complexo Educacional Sesc Pantanal, estou no 9º ano B, último ano aqui na escola e no Fundamental II. Achei a ideia de trocar cartas interessante e fiquei feliz em participar.

Minha escola fica localizada no interior de Mato Grosso e capital do Pantanal, Poconé, onde eu moro. Aqui também tem o Hotel Sesc Porto Cercado e a Baía das Pedras, do Polo Socioambiental Sesc Pantanal.

Aqui no Pantanal, por mais que pareça ser preservado, ocorrem muitas poluições e queimadas, que prejudicam a fauna e a flora, além da mineração, que explora muito o solo e o subsolo.

Na cidade onde eu moro, Poconé, não tem nada para fazer, a não ser ir à praça ou ir para o Sesc, porque o Sesc oferece algumas atividades em dias específicos, como piscina, cinema, quadra, oficinas e outras atividades, além de ter biblioteca e academia.

Uma das características daqui é o turismo, pois as pessoas, não só do Brasil, querem ver os animais, principalmente a onça-pintada.

Na escola temos o Ensino Infantil, o Fundamental I e o Fundamental II, que inaugurou as salas em formato de ocas, cada uma para uma matéria diferente. Temos um professor para cada matéria.

Uma coisa muito legal é que os professores ajudam ou pelo menos ajudavam, nas olimpíadas, OBA, OBMEP, ONC, OLITEF e outras. Também tinha o projeto da jornada de foguetes, em que os estudantes do 8º ano aprendiam a fazer o foguete de garrafa pet, uma espécie de oficina. Formavam grupos de três alunos do 8º e 9º ano, mas só nove estudantes eram escolhidos para ir para o Rio de Janeiro competir no OBAFOG com alunos do Brasil inteiro. Ano passado, a escola decidiu que só iam participar estudantes do 9º ano, mas eu e mais duas alunas do 8º fomos chamadas para ir no lugar de três alunos que foram desclassificados. Esse ano provavelmente não vai ter mais esse projeto.

Outra coisa legal é que a escola sempre faz aulas de campo com os estudantes de todas as séries (anos).

Bom, acho que já falei tudo, tchau!

Lara Martins Eubank de Campos

Giovanna Ferreira
de Almeida



Rio de Janeiro,
7 de março de 2026

Queridos colegas,

Estava pensando sobre como poderia expressar a magnitude e as belezas do mundo que vejo. Sempre que olho para cima, sou hipnotizada pela vastidão do céu da manhã, como se, a qualquer momento, ele pudesse cair sobre nós. Aquele laranja meio avermelhado, destacando-se em meio às nuvens, brilha em meus olhos, a brisa fresca da madrugada atíça um reflexo inexistente enquanto abro um leve sorriso e penso: “É, realmente, acho que somos apenas seres minúsculos e impotentes contra o céu. Se um dia ele cair, quero que essa seja a última visão do meu ciclo na Terra.”

Pelo caminho, vejo as poucas casas e lojas, muitos carros e motos correm em uma pista recém-molhada pelo chuvisco da noite, que ainda não se foi. Sinto um odor inconveniente e observo as fumaças cinza se formarem e irem rumo ao majestoso céu... Por que fazem isso com você? O pouco de brilho que temos no mundo vem de ti, mas acho que poucos percebem isso. Fico triste vendo uma cena como essa, tenho contato frequente com a natureza,

pois minha casa está ao lado de um de seus fragmentos, mas não tenho os mesmos sentimentos ao encarar esse verde, e não me entendam mal, não digo como se não gostasse dele, digo como se fosse uma paixão conturbada, onde ele me beija, mas eu não compreendo o real sentido de tal ato... Apenas o céu e suas formas me trazem esse prazer de ainda estar viva e poder admirar, por exemplo, o cair das gotas d'água vindas de um choroso céu.

Acredito que somos intrusos nesse mundo, também já teve essa sensação? Uma sensação estranha de que algo parece querer levar seus pensamentos para o além, mas... O que seria esse “além”? Quando digo “intrusos”, me refiro a como se tivéssemos chegado e nos apossado de um território já desbravado, um ambiente afetuoso que facilmente nos acolheria, mas que nós viramos as costas para ele, como uma criança fazendo birra com os pais. Odeio quando vejo que o que mais fazemos é agredir quem deveríamos abraçar e cuidar. É o céu que nos molha e aquece quando o fogo é mais presente do que a razão, é pelo céu que me apaixonei por conta de sua desmedida beleza, é com ele que sonhei em deitar-me junto para escapar de tantas pessoas, trabalhos e sentimentos... Por isso, não quero vê-lo irritado conosco, nos tratando como pragas a serem exterminadas, e nem chorando por ter rancor de nós.

Espero poder viver ou, pelo menos, conhecer, mesmo que utopicamente, um futuro em que o céu possa sorrir verdadeiramente e que, até quando estiver chorando, que ele possa olhar para nós, reconhecer e aceitar que fizemos as pazes com ele. Um futuro em que tivéssemos finalmente percebido a grandeza e o quão deslumbrante o céu é, foi e sempre será.

Com abraços atenciosos,

Giovanna Ferreira de Almeida

Maria Alice de
Oliveira Bastos



PUCONÉ,
8 de abril de 2026

Querido(a) correspondente,

Meu nome é Maria Alice, estudo no Complexo Educacional Sesc Pantanal desde meus três anos, e hoje estou no 8º ano.

Quando acordo o sol já raiou, e no momento em que estou a caminho da escola, encontro muitas crianças que também estudam no colégio. Vejo cachorros, gatos e muitas galinhas atravessando a rua antes da hora.

E sempre que chego no Complexo Educacional Sesc Pantanal vejo muitos estudantes, e, é claro, os nossos mascotes, os cachorros, e os outros animais que moram aqui na escola.

Eu e mais estudantes de outras salas participamos do Clube Pantaneiro, estudamos ciências ambientais, robótica etc. No mês passado, fomos até o Tanque do Jurumirim, um tanque muito conhecido na cidade. E fomos coletar zooplâncton, para olhar no microscópio e saber mais coisa sobre ele. O Clube Pantaneiro é muito importante porque nos traz conhecimento de outras áreas da ciência. Participo do clube já tem um tempo, e fico muito feliz por participar desse projeto.

Voltando ao assunto da escola, nossas salas são em forma de ocas indígenas. Ao seu redor tem muita vegetação, como muitas árvores em que ficam corujas, pássaros e araras.

Falando um pouco de Poconé: é uma cidade pequena, do interior. Mas é uma cidade muito acolhedora, e com as suas culturas, como a cavalhada, os mascarados e outros. O ritmo da cidade é o lambadão, disso o poconeano gosta!

Temos a beleza do nosso Pantanal, com uma grande biodiversidade e que chega a tirar o fôlego!

Também é muito normal encontrarmos uma capivara andando nas ruas da cidade; quando elas passam, fazem até charminho para as pessoas.

Mas como nem tudo são flores, tem muita coisa na cidade que precisa melhorar, como tapar os buracos nas ruas.

Mas é essa nossa cidade! Cheia de cultura, arte e muita natureza para a gente cuidar!

Um grande abraço! E até logo!

Com carinho,

Maria Alice de Oliveira Bastos

Maria Luíza
Barros Vieira



Rio de Janeiro,
9 de março de 2026

Caros amigos,

As manhãs chuvosas costumam ser monótonas para mim, confesso. Eu não gosto de sair de casa na chuva e muito menos de acordar cedo nesse tempo tão propício ao sono. Curiosamente, essa semana foi diferente. Fui capaz de encarar a chuva com outros olhos, e devo isso a este projeto.

À medida que a água descia pela janela, eu pensei na chuva como algo além do que só gotas caindo do céu, percebi que a melodia só é bonita para quem quer escutar. Isso me fez refletir sobre a atenção que não dou à natureza e a beleza do verde que está presente no meu dia a dia, afinal, estudo na Escola Sesc de Ensino Médio, onde os dias são harmonia e canção.

Nesta semana, passei a reparar nas grandes árvores abraçando o meu caminhar, na conexão entre o sol e o lago durante o entardecer e nas flores que desabrocham a beleza do nosso polo.

Sair da rotina automática de ir e voltar e subir as escadas olhando apenas para a frente me fez bem. Agora, presto atenção no que me cerca, e me sinto grata por ter a oportunidade de conviver em um lo-

cal arborizado e sentir que estou respirando saúde.

E então, meu caro leitor, gostaria de te perguntar: você se sente abraçado pela natureza? Como ela é presente no seu dia a dia? Aguardo sua resposta!

Com carinho,

Maria Luíza Barros Vieira

Maria Luiza
Silva Ferreira



Poconé,
8 de abril de 2026

Querido(a) correspondente,

Sou a Maria Luiza, sou da cidade de Poconé, que fica em Mato Grosso, da escola Sesc Pantanal. Tenho treze anos e estou no 8º ano.

No momento em que saio de casa o sol já raiou, tem bastante buraco, cachorros na rua, estudantes indo para a escola.

Quando chego no Complexo Educacional Sesc Pantanal vejo bastante pássaros, árvores, estudantes, alguns cachorros intrusos. Durante as aulas tenho bastante conteúdo, utilizamos slides, copiamos, e também somos avaliados oralmente.

Gosto muito da estrutura dessa escola, é bem diferente e bonita. E também dos profissionais, são bem atenciosos e legais.

Aqui no Sesc Poconé tem a Orquestra Jovem Sesc Pantanal. Faço parte dessa orquestra há três anos. Dei início no instrumento de percussão, mas no ano seguinte mudei para o violino, e permaneço nele até hoje. O violino foi um instrumento que sempre me chamou a atenção.

Poconé, por ser o portal do Pantanal, sempre tem turistas. O nosso Pantanal é muito grande e bonito. E temos a famosa onça-pintada.

Temos várias culturas, por exemplo, o siriri, o cururu, o rasqueado, o lambadão, a dança dos mascarados, festas de santos e a tradicional cavalcada. A cavalcada é uma tradição muito bonita. É uma luta entre os exércitos mouro e cristão, uma luta medieval, que aconteceu muito tempo atrás e é recontada todos os anos.

E foi isso! Muito obrigada pela sua atenção, espero que tenha gostado!

Atenciosamente,

Maria Luiza Silva Ferreira

Ana Keppi
Monteiro



Rio de Janeiro,
10 de março de 2026

Querido colega,

Inicialmente, quero ressaltar que é um prazer e uma honra iniciar nosso diálogo por meio desta carta. Além disso, desejo que este projeto seja muito proveitoso para nós.

Agora, me apresentando, meu nome é Ana Keppi, tenho dezesseis anos e estou, atualmente, na segunda série da Escola Sesc de Ensino Médio. Acredito que as nossas cidades sejam bem diferentes, não? Então, gostaria de iniciar uma série de conversas justamente sobre uma dessas diferenças: o ambiente que nos cerca.

Para conseguir lhe situar, tentarei explicar minha rotina de uma maneira concisa. Bom, eu moro a 29 quilômetros da escola, o que leva, em média, três horas diárias de transporte, ou seja, eu tenho tempo de sobra para observar o caminho.

Quando saio de casa, mesmo no verão, tudo ainda é muito escuro, muito silencioso, pois as ruas ainda estão vazias, e os comércios, fechados. Após esse pequeno trajeto a pé, eu entro no primeiro ônibus do dia. Geralmente ele está tão cheio que nem a janela

se vê, e o único passatempo possível é ouvir um pouco de música. Mesmo quando consigo olhar, tudo é meio monótono, sem vida.

Agora chegamos ao auge da minha viagem à escola: o metrô. Dependendo do dia, eu escolho entre dois apelidos, quase carinhosos: lata de sardinha congelada ou máquina de teletransporte. O primeiro surge porque os vagões são sempre muito frios e lotados, já o segundo tem uma razão por trás. A estação de metrô próxima à minha casa é na Pavuna, que na verdade parece mais um labirinto de camelôs, fora a quantidade absurda de lixo. Não importa para onde você olhe, seja nas rampas, nos telhados ou nas calçadas, parece uma floresta de lixo!

Depois, quando desço do metrô, a história começa a ganhar vida. Agora, o lindo sol da manhã já nasceu, as árvores começam a aparecer, e até o clima fúnebre fica para trás. Quando enfim estou no último ônibus, as árvores, ainda que poucas, tornam-se visíveis. Pronto! Só resta atravessar uma passarela/ponte para chegar ao lugar que associo à minha pequena reserva biológica: a escola.

Depois da entrada, a caminhada até o restaurante, embora simples, é repleta de emoções: a paz de estar em um lugar tão incrível logo cedo, de ver as garças voando sobre o laguinho, o vento fresco no rosto, os gatinhos que sempre vemos calmos. É como se a vida

fosse resumida àquele pequeno momento da manhã, em que tudo se encaixa e faz sentido. Ali o cenário se inverte, as casas cinza e sem vida do caminho abrem espaço para várias árvores lindas, grandes e com sombras mais frescas do que qualquer ar-condicionado. Em aula, às vezes olho pela janela e sou abençoada por esta vista maravilhosa que nem dá vontade de sair dali e ter que voltar à floresta de cimento de antes.

Agora, gostaria de saber como é por aí. Como você chega à escola e como interpreta o meio à sua volta. Aguardo ansiosamente pelos detalhes de como você leva a vida em Poconé.

Com muito carinho,

Ana Keppi Monteiro

Mauro Aquino
de Arruda



Poconé,
8 de abril de 2026

Querido(a) correspondente,

Oiê, meu nome é Mauro, tenho treze anos. Estudo no Complexo Educacional Sesc Pantanal e estou no 8º ano A. O Complexo Educacional Sesc Pantanal é uma das escolas mais lindas que eu já vi em toda a minha vida.

Eu vim contar para você como é a minha rotina aqui em Poconé (MT).

Quando eu saio de casa para ir para a escola, eu já encontro o nascer do sol, aquele céu lindo, depois enxergo alguns cachorros na rua, mas também estudantes saindo de suas casas para a escola.

No momento em que avisto a escola, já fico superanimado, entretanto, não vou mentir: às vezes dá uma preguiça. Contudo, quando chego no ambiente escolar, encontro outra paisagem, de primeira com um cachorro intruso na entrada. Ele é mais ou menos nosso mascote, nós colocamos o nome de Thor.

Depois dou de cara com tucanos, araras-azuis grandes e alguns macaquinhos nas árvores ao redor da escola. Não é só sobre a paisagem, mas sim pelo acolhimento, felicidade, amizade dos meus colegas

e dos inspetores, como Lilico e Dany, a vontade dos professores de nos ensinar a matéria, e isso é gratificante para mim. Sem falar que a comida é uma delícia, uma mais gostosa do que a outra.

No fim da aula eu vou para o Sesc Poconé encontrar minha mãe, que trabalha lá, e vamos para casa. Quando chego em casa, eu já sinto saudades, mas eu lembro que no outro dia eu retorno para a escola.

E, às vezes, fazemos alguns passeios escolares para o Parque Baía das Pedras, do Sesc Pantanal. É um lugar muito divertido: tem uma trilha muito legal, quando estávamos no meio da trilha veio uma coisa horrorosa nos atacar, um monte de carrapatos!!! Mas isso não é o mais importante... No parque tem pedalinho, passeio de bicicleta, passeio com os cavalos pantaneiros.

Tem o Hotel Sesc Porto Cercado, onde fui com a minha mãe, meu pai e meus avós. A comida é uma delícia, tem várias piscinas, passeios, fauna e flora encantadora. O passeio de barco passa pelo rio Cuiabá e dá para ver o pôr do sol. É lindo! Depois, passamos na casa de um pantaneiro, chamado Dito Verde, ele toca viola de cocho, mas lá tem muito mosquito.

Em Poconé, temos nossas festividades culturais, como a cavalhada. E as nossas danças, como o siriri e o cururu. Os vestidos das mulheres são todos floridos, com imagens de alguns caju e beija-flores, com

estampa igual às roupas dos homens, a blusa florida, o chapéu, calça jeans... E eles dançam descalços, principalmente os dançarinos raiz.

Espero que tenha entendido um pouco sobre a nossa convivência.

Um beijo e um abraço!

Mauro Aquino de Arruda

Maria Luisa
Ferreira Tracerra



Rio de Janeiro,
11 de março de 2026

Querido alguém que lê a carta,

Inicialmente, eu gostaria de me apresentar, mas, por enquanto, você só precisa saber que eu sou uma menina com os cabelos e o olhar da cor do café *espresso* que tomo toda manhã ao chegar na escola, nos seus poucos (ou muitos) dezesseis anos de vida. Além disso, quero que saiba da tamanha empolgação que sinto em poder compartilhar essa experiência de conectar estados e vidas por meio de cartas com você, minha nova ou novo colega.

No momento em que escrevo, uma coisa me deixa curiosa: o quão diferente é o nosso contato com a natureza no trajeto da escola. Acredito que, a essa altura, você saiba onde fica o Polo Educacional Sesc, em Jacarepaguá, que está localizado, mais ou menos, a uma hora e meia do lugar onde moro, São João de Meriti, uma cidade que tem seus contornos ao redor de uma igreja matriz. Lá, o tempo até parece que não para: continua correndo com as pessoas apressadas para o trabalho de manhã e com as pessoas ansiosas para rever suas famílias após um longo dia, com os trens, os metrô e os ônibus que carregam vá-

rios pensamentos, incluindo os meus, todos os dias. É nessa mesma correria que a maioria das pessoas não encontra tempo para parar e prestar atenção às coisas “fúteis” do dia a dia; eu, por exemplo, tenho muito tempo pra isso — vou te explicar o porquê.

Logo de manhã cedo, quando o céu ainda me faz pensar que é noite e só me faz querer dormir mais cinco minutos, eu faço minha rotina matinal: higiene, depois uniforme e, nos dias em que, por algum desvio do destino, eu estou em paz com o relógio, consigo me preocupar com a minha aparência; senão, paciência. Depois disso, meu pai ou minha mãe me leva até a estação de metrô mais próxima, que, no caso, é no bairro vizinho, mas já fora de São João. No caminho até a estação da Pavuna, eu consigo ver, aos poucos, a suave mudança de cor que o céu faz durante os dez minutos em que estou dentro do carro. Tenho que passar por uma feirinha que, acredite ou não, antes das seis da manhã já está aberta, atravessar a rua — seguindo a coragem de alguém que cruza primeiro. Depois, subo os degraus da estação, medindo meu fôlego até o topo, onde encontro o melhor ângulo do viaduto abaixo do céu, agora iluminado. Após passar a catraca e descer o que antes tinha subido, ando tranquilamente até o vagão final, no qual quase sempre minha amiga me espera para irmos ao próximo ponto.

O ônibus seguinte — sempre frio e quase nunca cheio, bem diferente do metrô — é o que me leva por um caminho diferente, pois o que antes era prédio começa, ao longe, a se transformar em montanhas. Em alguns trechos, somente verde, em outros, escuridão por causa dos túneis. Descer desse ônibus me leva a andar mais um pouco, a passar por cima de um rio que corre todo dia tão silencioso e, infelizmente, poluído, refletindo os cuidados quase inexistentes.

Bom, depois que eu atravesso a passarela, ando só mais um pouquinho e chego a um lugar que pode ser chamado até de campo, por causa da quantidade de verde, com a qual não estou acostumada. Andar na imensidão do Polo me traz calma e conforto.

Depois de passar o dia inteiro por lá, mesmo que só estudando ou andando de um lado para o outro do campus com as minhas amigas, eu saio de lá me sentindo melhor do que quando entrei, pode ter certeza.

Aliás, falando de sentimentos, o caminho de volta para casa influencia muito os meus. Na volta, o meu trajeto é diferente: eu ainda passo pela passarela, que nunca para de balançar, mas pego apenas um ônibus. O caminho parece infinitamente maior e, quanto mais vejo o verde voltando para o cinza do lado de fora da janela, mais penso em tudo. Penso principalmente no meu cansaço e no quanto as minhas pernas doem de ficar em pé. Além disso, eu me

perco tanto nos meus próprios pensamentos que, às vezes, me obrigo a me distrair: olho para fora e tento olhar o mais longe possível, um lugar que nunca tinha olhado e nem nunca irei. Faço isso até descer, caminhar mais uma vez e chegar em casa.

Com isso, encerro nossa conversa com a esperança de uma resposta.

Com carinho,

Maria Luisa Ferreira Tracerra

**Luis Gustavo
de Lima Bastos**



PUCOHÉ,
8 de abril de 2026

Querido(a) correspondente,

Oi, meu nome é Luís Gustavo Lima Bastos, tenho treze anos e sou do 8º ano B. Eu estudo no Sesc desde o primeiro ano e já tem oito anos que estudo nessa escola. Agora, irei contar sobre a minha convivência nessa escola maravilhosa.

Primeiro, irei contar minha trajetória para ir para a escola: eu saio de casa às 12 horas e 50 minutos. Às vezes, saio às 12 horas e 55 minutos, pois não moro longe do colégio. Meu trajeto é bem de boa, porque vou de carro para a escola e sempre chego no horário certo.

Desde o primeiro ano já tenho amizade com todos da minha turma, porque sempre fui um menino que faço amizades bem rápido.

Agora, irei falar sobre a escola, o Complexo Educacional Sesc Pantanal é enorme e contém uma quadra, uma quadra de vôlei e um campo society, tem salas em forma de ocas, que é um formato diferente do padrão comum, e cada oca tem uma matéria de um professor. No total são oito disciplinas e cada uma tem a sua sala, menos a de educação física.

Eu sou um aluno bem-comportado e faço as tarefas, mas tem horas que converso com meus amigos. Mas apesar de todas as coisas que acontecem, eu amo estudar nessa escola. De todas as escolas que eu já estudei, essa é a melhor de todas.

E essa foi a minha carta. Obrigado pelo convite!

Luis Gustavo de Lima Bastos

Luis Miguel
Rodrigues Silva



Rio de Janeiro,
13 de março de 2026

Queridos admiradores da natureza,

Nos últimos dias, estou preso na música “Que beleza”, do Tim Maia. Ela nos ajuda a entender sobre a importância de viver perto da natureza. O que me faz ficar preso nela? É difícil saber que estamos imersos no celular, como peixes em aquários, confinados nas nossas casas.

Nesse sentido, eu percebo que a partir do momento em que pisamos fora de casa já queremos voltar, tornando o nosso dia automático e rápido. Entretanto, durante a semana, comecei a parar e prestar atenção no que estava ao meu redor. Ao andar, passei a observar o que me cerca, o que me guia pelo caminho até a escola. Bom, em todo lugar há árvores, principalmente no caminho até a passarela que eu tenho que atravessar. De um lado, vejo árvores que cercam um valão, do outro, casas e cimento. Contudo, no verde misturado com marrom, vejo um arco-íris, mas não aqueles de brilhar o céu, é um apagado, com cor fraca. No meio de tanta vida, há lixo jogado e despejado, como se a grama e as árvores fossem a lixeira. Chegando na passarela que dá acesso à minha escola, subo e logo vejo,

abaixo dos meus pés, carros e... mais carros. Cada um com sua cor, com sua pressa, pois o tempo corre mais rápido do que a gente, e o que podemos fazer é tentar acompanhá-lo. Chegando na outra metade da passarela, vejo por todo o horizonte um rio, rodeado por muitas árvores e vegetações. Em alguns dias, vejo jacarés, capivaras e garças, mas em outros também vejo todo tipo de resíduos. Depois de passar por cima do rio, na descida, sinto que já estou chegando ao meu lugar.

Ao descer a passarela, continuo em linha reta, já conseguindo ver a natureza da escola. Chegando, passo pela catraca e me deparo com um arco-íris diferente. É um arco-íris cheio de vida, feito das cores das flores: o amarelo se mistura com o verde das árvores, a minha visão é colorida do roxo ao branco. No meio de tantas cores, há um laguinho, cheio de peixes, além de uma fonte de água no meio. De vez em quando, aparece o Robson, nossa garça favorita, o que chama mais a atenção ainda.

Tudo isso ganha ainda mais valor quando estou no ateliê. Fico ali observando a arte e as janelas de vidro, enxergando através delas a natureza com as suas cores que iluminam, encantam e dão vida ao polo.

E é claro que eu não me esqueci de você. O que há de diferente entre seu trajeto e a sua escola? Você é meio distraído em relação a esse olhar? Sinto que podemos conversar bastante sobre a natureza, pois

o que não falta nela é uma abundância de assuntos. Uma simples joaninha vira um assunto. Por falar nisso, você gosta de algum inseto? Ah! Tente abrir a porta para a natureza mais vezes, vá entrando e a “felicidade vai brilhar no mundo”, como Tim Maia nos recomenda...

Até breve,

Luis Miguel Rodrigues Silva

Bento Aredes
Assis



PUCOHÉ,
8 de abril de 2026

Querido(a) correspondente,

Oiê, sou Bento, tenho treze anos. Sou aluno do Complexo Educacional Sesc Pantanal. Estudo no período vespertino, por volta das 12 horas e 55 minutos eu saio de casa, porque minha casa é perto da escola.

Meu trajeto para a escola é bem tranquilo. Tem dias que eu vou para a escola com minha amiga, então nesses dias eu saio de casa às 12 horas e 40 minutos de bicicleta. O caminho é bonito, tem pouco lixo e bastante árvores, mas tem um pequeno problema — um córrego de esgotos. Quando vou de bike, passo na frente da casa de um colega só para cumprimentá-lo. E, finalmente, chego na escola.

Minhas aulas são tranquilas, sou um bom estudante. Nos passeios escolares vamos para outras unidades do Sesc, em geral para o Sesc Baía das Pedras.

A escola é bem bonita, tem um portão da frente com dois caminhos. Um para ir onde guardamos as bicicletas e o outro leva para as salas de aulas. Tem um pátio que é cercado por salas. As nossas salas são ocas de índios, mas todas de metal, até o refeitório.

Chegando nesse pátio tem as salas do Fundamental II e um caminho para as salas do Fundamental I, que são salas comuns. Do lado de fora do pátio tem um parquinho de madeira para as crianças da Educação Infantil.

Um pouco afastado das salas tem o CAP, que é do Sesc (sem ser a escola). Uma curiosidade é que todos os estudantes chamam de “lá em cima” porque é uma subida da escola até lá. No CAP tem uma academia, uma quadra esportiva, uma quadra de areia e um campo, uma sala de matrículas e etc.

Na escola tem um clube de astronomia que eu faço parte, esse clube já me levou para lugares incríveis.

Um abraço!

Bento Aredes Assis

Pedro Henrique
Lopes Ventura



Rio de Janeiro,
20 de março de 2026

Queridos colegas,

Temos o conhecimento de que habitamos um território que contém uma biodiversidade abundante e cheia de beleza, ainda que, na maioria das vezes, seja pouco preservada. Apesar disso, existe um lugar que finalmente me fez compreender o que é preservação: o Polo Educacional Sesc. Aqui tem uma enorme variedade de plantas e animais, como a nossa famosa garça-real, o Robson.

Esse lugar me mostrou como a nossa sociedade não se importa tanto com o meio ambiente, e como exemplo, eu vou usar o trajeto que faço para chegar ao Polo. Pego um ônibus que vai de Del Castilho até o Centro, mas meu ponto de descida fica um pouco antes do final do trajeto da linha. Depois, ainda tenho que atravessar uma passarela que passa por cima de um rio poluído.

Por incrível que pareça, há seres vivendo lá, como jacarés, patos e outros Robsons. Eu fico pensando todos os dias: como animais tão majestosos conseguem viver em um ambiente tão imundo e se alimentar de lixo? Acho que eles não sabem o quão incríveis são, e esse é um sentimento que eu entendia bem.

Há um tempo, mais ou menos um ano atrás, eu era como uma garça naquele rio, não compreendia que tinha valor. Me entreguei a pensamentos que me colocaram num lugar emocional profundo e escuro, sinto que uma parte do meu ser se foi naquela época. Eu não cuidei direito do bem mais importante que tinha: o meu coração. Mas eu fui resgatado por incríveis colegas que me tiraram desse lugar.

Espero que, se vocês também passaram ou estão passando por isso, não se preocupem, porque um dia seus amigos te resgatarão também. Os meus foram na escola, os seus podem surgir nos lugares mais inesperados. Basta estarem abertos para deixar outras aves fazerem parte da sua revoada.

Com carinho,

Pedro Henrique Lopes Ventura

Gustavo Martins
Gomes Nascimento



PUCOHÉ,
8 de abril de 2026

Querido(a) correspondente,

Oi, me chamo Gustavo Martins, tenho treze anos e sou da turma do 8º ano B. Contarei um pouco da minha experiência nesse Complexo Educacional Sesc Pantanal.

Estudo nessa escola há, aproximadamente, dez anos. Sim, estou aqui desde os meus três anos de idade, e nessa minha trajetória já passei por várias coisas e mudanças dentro da escola. Por exemplo, reformas e mudanças fora de sala de aula. O que foi muito bom para o desenvolvimento da escola e da aprendizagem, um processo um pouco demorado de reformas, mas que valeu muito a pena.

As salas são em formato de ocas indígenas, bem climatizadas, com dois aparelhos de ar-condicionado em cada sala, materiais e livros, boa estrutura e muito mais. Em todas as salas temos paredes de vidro que, na verdade, são janelas, que nos dão a vista do meio da nossa escola, que é um centro redondo de grama, sendo ele cimentado em volta e rodeado pelas salas.

Temos o refeitório, o banheiro, a coordenação etc. Do outro lado, em algumas salas, dependendo do horário, temos uma vista muito bonita do pôr do sol.

Também vou falar um pouco do meu trajeto da minha residência até a escola. Eu não moro perto, mas também não muito distante; começo saindo de casa por uma descida onde tem um matagal e um pequeno córrego. Esse córrego — que não é nada limpo — tem muitos resíduos em volta, coisa que não é nada agradável. Por ter muito mato por perto, tem insetos, como o mosquito ou as moscas, que são “micontaminadores ambulantes” para as muitas residências por perto.

Na minha opinião, acho que poderiam dar a atenção necessária para aquele córrego para prevenir contaminação ou doenças indesejáveis para as famílias que vivem ao redor.

Tirando essa parte da trajetória, acho bem de boa o caminho, é isso, não tenho mais o que falar, ainda mais sobre a escola, que, para mim, não tem nenhum defeito.

Quero agradecer pela compreensão e pelo convite dos professores!

Gustavo Martins Gomes Nascimento



Polo
Educativo
Sesc

Polo
Socioambiental
Sesc Pantanal

